

METODOLOGIA DE ESTUDOS DO CONTATO LINGUÍSTICO INTERVARIETAL EM LUGARES DE MIGRAÇÃO RECENTE: ALGUNS APONTAMENTOS

Carla Regina de Souza Figueiredo (UEMS/ PPG – Letras/ UFRGS)¹

Resumo: No Brasil, estudos voltados à descrição das variedades da língua portuguesa, tradicionalmente, pautaram-se em pesquisas topostáticas em que se inquiriam falantes nascidos e criados na localidade a fim de registrar o uso da língua em áreas dialetais historicamente estabelecidas. A combinação de critérios como processo de povoamento, aspectos geográficos, demográficos, históricos e culturais, ou ainda, antiguidade e grau de isolamento de um lugar em relação a outros mais dinâmicos e desenvolvidos, foram utilizados para determinar os pontos de observação de estudos desta natureza. No entanto, as comunidades de fala caracterizadas pelo fluxo migratório, pelo processo de ocupação recente e, consequentemente, pelo intenso contato linguístico (intervarietal ou entre línguas distintas) parecem ter sido ignoradas pelos pesquisadores durante muito tempo. Diante do exposto, questiona-se: como descrever essa realidade linguística? A pesquisa de doutoramento *A topodinâmica da variação do português gaúcho em áreas de contato intervareital em Mato Grosso* propõe uma possibilidade de investigação fundamentada, sobretudo, nas contribuições da Geolinguística Pluridimensional e Relacional. O presente artigo trará alguns apontamentos referentes aos critérios adotados na Tese desde a escolha das localidades e o perfil dos informantes à elaboração de um questionário (instrumento de coleta de dados) que contemple a conjugação dos contatos linguísticos de variedades de uma mesma língua à dimensão diatópica topodinâmica.

Palavras-chave: Contato linguístico intervareital. Mobilidade espacial.

1. Introdução: a variação linguística na perspectiva pluridimensional

Observar a língua falada e descrevê-la pressupõe a adoção de um posicionamento teórico-metodológico que determinará, por exemplo, se o pesquisador visa apenas à documentação de variedades linguísticas² e o reconhecimento de

¹ Professora Assistente da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS) e doutoranda (bolsista CAPES) na área dos Estudos da Linguagem, especialidade em Linguística Aplicada, pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Dourados – Mato Grosso do Sul - Brasil. E-mail: carlarsfigueiredo@gmail.com.

² Por *variedade linguística* se entende o conjunto de variantes coexistentes em um espaço de uso da língua. A variável linguística por sua vez corresponde a algum elemento da língua que se realiza de *Revista de Letras Norte@mentos*

diferenças ou semelhanças entre os dados recolhidos (perspectiva areal), ou se deseja averiguar se as manifestações linguísticas refletem a relação de fatores como o perfil e a atuação dos informantes no espaço em que estão inseridos.

Disciplinas como a Dialetologia e a Sociolinguística dedicam-se ao estudo da variação linguística. A primeira, parte fundamentalmente da noção de espaço, enquanto a outra, dos fatores de ordem sociocultural que determinam as variações linguísticas. Durante muito tempo, resistiu-se a pesquisas que admitissem a concomitância dessas abordagens, o que gerou algumas reflexões. Ao tratar do caráter e das limitações da Dialetologia Tradicional e da Sociolinguística, Thun (1998, p. 702) afirma que “La Dialectología areal, monodimensional por tradición mayoritaria pero no por necesidad intrínseca, es una sociolinguística (y pragmática) limitada” haja vista ter privilegiado a fala de indivíduos que atendiam a um único perfil, garantindo assim a comparabilidade das variantes diatópicas alheias a qualquer interferência extralinguística; assim como “[...] la Sociolinguística, multi-dimensional por tradición pero reacia al espacio, es una dialectología limitada.”, por não propor, necessariamente, um contraste entre o corpora coletado em áreas distintas como o centro e os bairros periféricos de uma cidade, ou ainda, em contextos rurais e urbanos, ou seja, a correlação entre os fatos linguísticos e os fatores sociais se sobrepõe a qualquer questão espacial. Nota-se, portanto, que embora se dediquem a diversidade do uso das línguas, a Dialetologia e a Sociolinguística atribuem um caráter particular ao tratamento do seu objeto de estudo.

Com o passar dos anos, no entanto, a junção da dimensão diatópica com outras como a diastrática (contempla informantes de estratos sociais diferentes), a diassexual (gênero masculino e feminino) e a diageracional (mais de uma faixa etária) parecia não só inevitável como necessária diante da realidade linguística que se pretendia descrever. Limitar o campo de atuação da Dialetologia apenas a investigação areal³ (horizontal) não era mais o bastante. Aprimorou-se, portanto, o modelo monodimensional e as mudanças decorrentes desse processo refletiram-se, inclusive, na Geolinguística, disciplina que atuava até então como método específico da Dialetologia para transpor

diferentes maneiras, conforme a variedade linguística analisada. Cada possibilidade de realização de uma variável é uma *variante*.

³ No artigo *Interfaces entre Dialetologia e História*, Altenhofen (2006, p.160-163) comenta uma série de estigmas associados à Dialetologia devido às posturas teóricas adotadas por essa disciplina ao longo do tempo. A saber: é velha e obsoleta quando vinculada à filologia e a linguística histórico-comparativa do século XIX; descreve apenas a variação diatópica; privilegia “diletos puros e genuínos”, ou seja, alheios a mudanças e inovações; e se ocupa basicamente do registro da fala de informantes que atendiam ao perfil que Zágari (1998, p. 35) denominou de HARAS (homem, adulto, rurícola, analfabeto e sedentário).

em cartas linguísticas as diferentes realidades dialetais reconhecidas em espaços determinados. Inaugurou-se, assim, no final do século XX, a “era” pluridimensional e relacional. No Simpósio *Novos caminhos da Geolinguística Romântica*, realizado em Heidelberg e Mainz em outubro de 1991, participantes testemunharam algumas dessas inovações⁴. Sobre o evento, Radtke e Thun (1996, p.30-31) comentam

En el Simposio resultó evidente que la Geolinguística moderna se encuentra en vías de transformarse en una verdadera ciencia de la variación en el sentido del término griego *dialektoς*⁵. En realidad, debería cambiar su nombre y dejar el de “Geografía Lingüística”, para tornar el de “Ciencia de la variación” o algún otro más adecuado.

Dentre as novidades da Geolinguística contemporânea, segundo Radtke e Thun (1996, p. 32-39), há

(a) a subdivisão do parâmetro⁶ diatópico determinada pelo critério da mobilidade espacial, ou seja, se a investigação privilegia grupos de falantes fixos na localidade, o estudo é topostático, mas se elege informantes “móveis”, com histórico de migração recente, é topodinâmico;

(b) a introdução do parâmetro diastrático, que viabiliza averiguar, por exemplo, o papel da escolaridade no uso das variedades regionais e da norma considerada culta⁷;

(c) a percepção das variações estilísticas condicionadas em diferentes situações de uso da língua (parâmetro diafásico), que podem ser observadas de maneira sistemática, por exemplo, quando o questionário da pesquisa prevê os estilos “pergunta e resposta”, “narrativas livres” e “leitura de texto”;

(d) o gênero como elemento determinante na manutenção ou substituições de algumas marcas linguísticas (diassexual ou diagenérico);

(e) a pluralidade de informantes por acreditar que um único não garante necessariamente a representatividade da comunidade a que pertence. É interessante

⁴ São exemplos de Projetos que optaram pela combinação de parâmetros: o *MRhSA- Mittelrheinischer Sprachatlas/ Atlas Linguístico da Renânia Central* (G. Bellmann e seus colaboradores), o *ALM – Atlas Linguístico do México* (J. M. Lope Blanchi) e o *ADDU – Atlas Linguístico Diatópico y Diastrático del Uruguay* (H. Thun e A. Elizaincín).

⁵ Etimologicamente, *dialeto* é uma palavra grega que significa “modo de falar”.

⁶Dimensão é a relação opositiva, na maioria dos casos binária, de parâmetros definitórios como “geração de jovens e geração de idosos” e “homens e mulheres” (THUN, 1999, p.484).

⁷ Entende-se por *norma culta* a variedade linguística depreendida da língua usada por grupos sociais plenamente escolarizados, que mantém uma constante relação com a cultura escrita e com situações que envolvam certo grau de formalidade. Historicamente, é legitimada pelos grupos que controlam o poder social e por isso goza de certo prestígio. No entanto, não corresponde necessariamente ao modelo de língua idealizado pela gramática normativa.

pontuar que estudos recentes promovem entrevistas com mais de um informante (parâmetros idênticos) num mesmo ambiente, a fim de avaliar, por exemplo, as atitudes e percepções metalinguísticas sobre o status e estigmatização de variantes em contato – “referências à fala do outro” (parâmetro diarreferencial). Há ainda a possibilidade de aplicação do inquérito aos informantes separadamente, em que parte do questionário é respondido por um e o restante por outro que tenha o mesmo perfil. O primeiro caso é denominado de pluralidade simultânea e o outro, de pluralidade sucessiva⁸;

- (f) as escolhas linguísticas vinculadas à idade dos falantes (diageracional); e
- (g) a inclusão dos contatos linguísticos nos estudos variacionais, que podem ser tanto interlingüísticos (entre bilíngues, entre monolíngues de línguas diferentes e entre línguas majoritária e minoritária) como intervarietais (entre variedades da mesma língua).

Com o advento da Geolinguística Pluridimensional e Relacional, a proposição de um estudo acerca da variação do *português gaúcho* falado no Norte do Mato Grosso parece razoável uma vez que no Brasil ainda não há muitos estudos dialetológicos e geolinguísticos concluídos⁹ que contemplam áreas de ocupação recente nem tampouco contatos intervarietais. Por que ignorar ou até mesmo renegar a realidade linguística de lugares com intenso fluxo migratório, como é o caso da porção meridional da Amazônia Legal? As próximas seções trarão de alguns apontamentos e reflexões referentes aos critérios adotados na Tese *A topodinâmica da variação do português gaúcho em áreas de contato intervarietal em Mato Grosso*¹⁰ quanto a escolha das localidades e o perfil dos informantes e a elaboração do questionário (instrumento de coleta de dados), que

⁸ O *Mittelrheinischer Sprachatlas/ Atlas Linguístico da Renânia Central (MRhSA)*, coordenado por Bellmann é um exemplo de pesquisa que utilizou a pluralidade simultânea no decorrer dos seus inquéritos. No *Atlas Linguístico Diatópico y Diastrático del Uruguay (ADDU)* embora houvesse a tentativa de aplicar a pluralidade simultânea, por vezes, teve que se contentar com a pluralidade sucessiva (RADTKE & THUN, 1996).

⁹ No Norte de Mato Grosso, Neusa Inês Philippsen, professora do Departamento de Letras da Universidade do Estado de Mato Grosso (*Campus* de Sinop), desenvolveu, durante o Doutorado (2009-2013), um estudo semântico-lexical das variedades linguísticas do português faladas nesse espaço, averiguando, sempre que possível, como as implicações de natureza sociocultural interferiram na formação e expansão da língua portuguesa na região norte-mato-grossense. Há, também, a proposta de Tese, ainda em andamento, de Marigilda Antônio Cuba (vinculada ao Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Londrina - UEL), que investiga o português falado no *território incaracterístico*. A pesquisadora combinou a perspectiva topodinâmica a outros critérios para a seleção das localidades investigadas.

¹⁰ Esta pesquisa de doutoramento está vinculada à área dos Estudos da Linguagem do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), no período de 2010 a 2014 e é orientada por Cléo Vilson Altenhofen.

contempla a conjugação dos contatos linguísticos de variedades de uma mesma língua à dimensão diatópica topodinâmica.

2. A mobilidade espacial e os contatos linguísticos

O espaço é criado, mantido e alterado pela interação daqueles que o ocupam. Assim sendo, a descrição de fenômenos linguísticos não pode estar aquém da compreensão da espacialidade¹¹ até mesmo porque a língua é um dos meios que reflete a atuação do homem no lugar que o circunscreve. É preciso estar atento a questões como: De onde migraram os falantes da área investigada? Qual o caminho percorrido até chegarem lá? Há quanto tempo permanecem no lugar? A comunidade de fala é caracterizada pela mobilidade ou estabilidade espacial? Há situações de contato linguístico? Se sim, como se manifestam?

Para responder indagações como essas, vários critérios são considerados. O processo de ocupação/povoamento do espaço certamente é um deles e será o primeiro a ser comentado.

2.1. O espaço da pesquisa: motivos da escolha

Dada a extensão do território brasileiro, durante anos, ocorreram várias tentativas de “preenchimento de vazios demográficos”. Uma dessas se dá por meio da Lei 1.806, de 06 de janeiro de 1953, que visa ao planejamento e ao desenvolvimento da região Amazônica, da qual o norte de Mato Grosso faz parte¹².

Diferentemente do que ocorreria em algumas áreas do território nacional, em que a apropriação da terra se dá de forma espontânea, sem a interferência estatal (reforma agrária); a Colonização da Amazônia adota outros modelos de ocupação: ou o dirigido/oficial ou o particular. O primeiro estava vinculado ao Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA), criado em 09 de julho de 1970 (Decreto-lei nº 1.110) “com o objetivo de promover, coordenar, controlar e executar a colonização e

¹¹ A *espacialidade* resulta em uma visão tridimensional do espaço. É, ao mesmo tempo, *físico* (vinculado à noção de distância), *social* (resultado de ações promovidas pelo Estado, pelos agentes individuais e Institucionais como a Igreja e a escola) e *perceptual* (impressões particulares acerca dos espaços físico e social responsáveis pelas atuações e comportamentos diferenciados no meio em que os indivíduos estão inseridos). Portanto, a *espacialidade* vincula-se as ideias de interação e de processo contínuo de transformação.

¹² A partir da Lei 1.806, de 06 de janeiro de 1953, institui-se a chamada “Amazônia Legal” (Art. 2º A Amazônia brasileira, para efeito de planejamento econômico e execução do Plano definido nesta lei, abrange a região compreendida pelos Estados do Pará e do Amazonas, pelos territórios federais do Acre, Amapá, Guaporé e Rio Branco e ainda, a parte do Estado de Mato Grosso a norte do paralelo de 16º, a do Estado de Goiás a norte do paralelo de 13º e a do Maranhão a oeste do meridiano de 44º).

a reforma agrária e ainda o cooperativismo, o associativismo e a eletrificação rural”, inclusive ao longo das Rodovias 163, 364 e Transamazônica (SHAEFER, 1985, p.49). O outro, à atuação de empresas privadas, que planejavam estratégias para um melhor aproveitamento econômico da terra com o aval do Estado.

As Colonizadoras interessadas pelo norte-mato-grossense eram originárias do Sul e do Sudeste do país. Algumas, inclusive, já experientes no ramo¹³. Segundo Souza (2008, p.72), a colonização particular

priorizou o estabelecimentos de núcleos urbanos que pudessem servir como pontos de convergência para a vasta região, que necessitava, cada vez mais, para a sua efetiva ocupação, de serviços públicos e privados, como retaguarda para o seu desenvolvimento. [...] A partir da década de 70 do século XX, onde ocorreu a maior presença da corrente migratória, rumo a “nova fronteira agrícola nacional”, o Estado mobilizou a capacidade de trabalho, implantando infraestrutura ao construir estradas valorizando a região e potencializando o trabalho dos colonos, agentes principais no processo de reterritorialização da Amazônia mato-grossense.

Com políticas governamentais favoráveis à ocupação de terras devolutas e com a concessão da colonização para empresas privadas, algumas questões foram essenciais para a escolha das localidades investigadas na Tese: observar os fluxos migratórios (ponto de partida e chegada), a localização, o tempo e o tipo de colonização implantada.

Os três municípios selecionados, Porto dos Gaúchos, Sinop e Sorriso são frutos de colonização particular. Dados do INCRA asseguram que até a década de 1980, 80% dos projetos de ocupação do Norte de Mato Grosso foram empregados nessa modalidade. Esse caminho se configura como uma extensão do processo histórico de ocupação do Oeste de Santa Catarina e Sudoeste do Paraná (SOUZA, 2008, p.66; 72).

A Colonizadora Noroeste Matogrossense Ltda (CONOMALI) - responsável pela criação da Gleba Arinos, hoje, Porto dos Gaúchos (MT) – exemplifica um resultado positivo do incremento governamental idealizado por Getúlio Vargas. Já as Colonizadoras SINOP (Sociedade Imobiliária Noroeste do Paraná) e Sorriso, aderiram aos incentivos fiscais e creditórios concedidos pelo Estado na década de 1970. O quadro

¹³ A Sociedade Imobiliária Noroeste do Paraná (SINOP) já havia criado outras cinco cidades no estado do Paraná: Terra Rica (1954), Jesuítas (1959), Iporã (1960), Ubiratã (1960) e Formosa do Oeste (1960) antes de empreender no Norte de Mato Grosso.

a seguir sintetiza algumas informações referentes à atuação dessas Colonizadoras no Norte de Mato Grosso.

	PORTO DOS GAÚCHOS	SINOP	SORRISO
COLONIZADORA	CONOMALI - Colonizadora Noroeste Matogrossense Ltda.	SINOP – Sociedade Imobiliária Noroeste do Paraná	Sorriso
FUNDAÇÃO	1954	Década de 1970	Meados da década de 1970
Primeiros idealizadores	Irmãos Meyer (Otto, Guilherme e Alfredo)	Enio Pipino e João Pedro Moreira de Carvalho	Claudino Francio, Ivo Raiser e Nelson Francio
Ponto de partida (primeiros migrantes)	Santa Rosa, Cerro Largo e Porto Mauá (RS)	Região Sul do Brasil ¹⁴	Região Sul do Brasil ¹⁵
Ponto de chegada	Gleba Arinos ¹⁶	Gleba Celeste ¹⁷	Gleba Sorriso

Na Tese, as três localidades investigadas foram numeradas a partir do período de ocupação: do mais antigo ao mais recente.

PONTOS DE SONDAGEM	
MT 01	Porto dos Gaúchos
MT 02	Sinop
MT 03	Sorriso

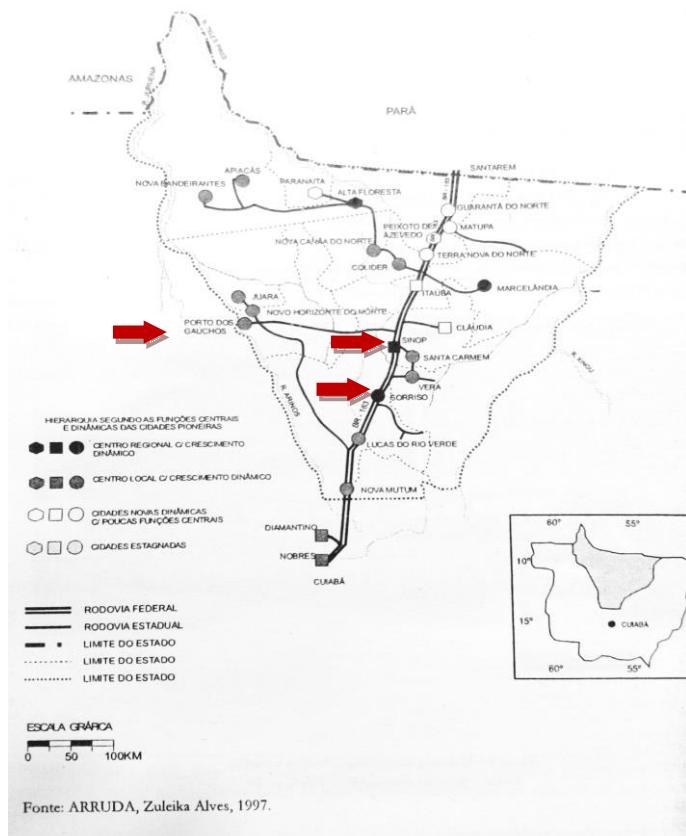
O mapa a seguir permite a visualização dos pontos.

¹⁴ Fundada em 1974, Sinop atraia migrantes principalmente da região Sul do Brasil. A Firma procurou sensibilizar os colonos dada a boa tradição agrícola que tinham. Segundo Shaefer (1985, p.61-62), cerca de 50% dos colonos são luso-brasileiros e o restante, respectivamente, de origem alemã, italiana, polonesa, japonesa, dentre outras. Em média, 35% dos migrantes são do Paraná, 30% de Santa Catarina, 20% do Rio Grande do Sul, 12% de São Paulo e os outros 3% provêm de outros estados.

¹⁵ Segundo Schlesinger & Noronha (2006, p.39), Cláudino “fazia um trabalho maciço no Sul do país [...] escolhia as pessoas com um certo perfil empreendedor, poder econômico [...] tinha uma grande capacidade de persuasão”, o que o tornaria um grande articulador e idealizador do que hoje é o município de Sorriso. No início da década de 1980, rompe a sociedade e constitui e empresa Colonizadora Feliz Ltda a fim de se dedicar mais a ocupação e organização do perímetro urbano.

¹⁶ Parte do território de Porto dos Gaúchos, ao longo do tempo, foi desmembrado em outros municípios. A saber: Juara (1981), Novo Horizonte do Norte (1986) e Tabaporã (1991).

¹⁷ Pertencem a Gleba Celeste os municípios de Vera, fundada em 1972, Santa Carmem (1974), Sinop (1974) e Cláudia (1978).



Reconhecido alguns aspectos do processo de ocupação da região Norte de Mato Grosso e, consequentemente, de alguns grupos que para ali migraram, passou-se ao critério da escolha dos informantes.

2.2. Traçando o *perfil dos informantes*

Os projetos das Colonizadoras CONOMALI, SINOP e Sorriso convergem quanto ao perfil de migrantes no início da ocupação norte mato-grossense já que as propagandas foram veiculadas basicamente na região Sul do Brasil. Selecionam, de certa forma, compradores experientes na lida com a terra, como afirma Alcir Lenharo (apud SOUZA, 2004, p.84)

[...] esse colono chega saudável, educado, disciplinado, competitivo, com amor ao trabalho, com a nobre ambição de fortuna e bem-estar e dissemina a obra da colonização [...]. É o colono pronto, gerador da riqueza particular e as companhias particulares, transformadoras de terras devolutas em mercadorias.

Esse fato foi relevante na escolha dos informantes da Tese, mesmo sabendo que o “Portal da Amazônia” recebe pessoas de vários lugares do país. Outro aspecto que ajudou nessa decisão foi a publicação do Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul

do Brasil (ALERS)¹⁸, que auxiliará na observação do comportamento linguístico dos migrantes, até mesmo porque há algumas coincidências entre as características dos colonos sulistas que se deslocaram para o Norte de Mato Grosso com as daqueles que foram entrevistados nesse projeto.

Os dados do ALERS reproduzem, essencialmente, o português rural falado pela classe menos escolarizada (analfabeto, semianalfabeto ou que tenha pelo menos a 4^a série/ 5^º ano do Ensino Fundamental), com idade entre 28 e 58 anos e com pouca ou nenhuma mobilidade espacial (nascidos na localidade, preferencialmente de pais também nascidos ali; não serem muito viajados; não haverem vivido fora da localidade até os 20 anos, nem depois por mais de 06 meses). Embora tenha dado ênfase à dimensão diatópica, a rede de pontos do ALERS (275 na área rural e 19 na urbana) foi expressiva e possibilitou a delimitação de áreas linguísticas¹⁹ que apontassem tendências de variação do português falado naquele espaço de estudo. O interesse dos pesquisadores incidia na fala mais conservadora, pois se acreditava que essa variedade linguística “expressaria melhor as áreas dialetais historicamente estabelecidas” (ALERS 2011b, p.26). Assim, é extremamente relevante para um estudo como o proposto pela Tese, que se tenha fotografias geolinguísticas em um contexto topostático a fim de se estabelecer paradigmas com a fala daqueles que foram para lugares caracterizados pelo intenso fluxo migratório e, consequentemente, pelo contato linguístico intervarietal e/ou intralingüístico.

Por adotar uma perspectiva plural e relacional, para esta pesquisa de doutoramento várias dimensões foram consideradas quanto ao perfil dos informantes: a diastrática, a diageracional, a diagenérica/diassexual e a diatópica. Optou-se pela variação do *português gaúcho*. O quadro a seguir demonstrará esses critérios.

DIMENSÕES PESQUISADAS POR MEIO DE ENTREVISTAS DISTINTAS	
Dimensão	Parâmetro
Diastrática	Ensino superior completo (Ca)

¹⁸ Diferente dos demais Atlas Linguísticos brasileiros publicados, que contemplam um único estado federativo, o ALERS engloba toda a região Sul do Brasil totalizando 275 localidades investigadas na área rural (Paraná - 100 pontos; Santa Catarina - 80 e Rio Grande do Sul - 95) e 19 no perímetro urbano (Paraná – 06 pontos; Santa Catarina – 06 e Rio Grande do Sul, 07). Apenas nos centros urbanos se considerou a dimensão diastrática, ou seja, foram entrevistados um informante analfabeto ou semianalfabeto, outro com ensino fundamental concluído e o terceiro, com o ensino médio completo (ALERS, 2011a, p.26).

¹⁹ Por área linguística se entende “a reunião de pontos que compartilham entre si traços linguísticos que o identificam como distinta de outras áreas” (ALTENHOFEN, 2005, p.184-185).

	Até o ensino médio completo (Cb)
Diageracional	Jovens – 18 a 30 anos (GI)
	Idosos – acima de 50 anos (GII) ²⁰
Diagenérica/diassexual (através da pluralidade de informantes)	Homem
	Mulher
Diatópico-cinética (através da rede de pontos)	Topostático (“arraigamento”)
	Topodinâmico (mobilidade)

Na dimensão diatópica admitiu-se a possibilidade de se entrevistar falantes que fossem filhos de migrantes originários do Rio Grande do Sul já nascidos no Mato Grosso (parâmetro topostático) ou que tivessem chegado a uma das localidades selecionadas há pelo menos 10 anos (parâmetro topodinâmico). Já para o grupo GII era imprescindível o histórico de migração, independente se o deslocamento foi direto do Rio Grande do Sul para o Mato Grosso ou se houve “paradas” no Paraná ou na Santa Catarina no decorrer do percurso.

A exigência pelo tempo de permanência nos pontos de investigação corrobora com a hipótese de acomodação linguística apresentada por Thun (1996, p.212), seguida no Atlas Linguístico Diatópico e Diastrático do Uruguai (ADDU): “La acomodación linguística a los hábitos del nuevo ambiente necesita certo tempo para sedimentarse y después de algunos años na avanza más, según parece”.

A pluralidade simultânea de informantes também foi um procedimento adotado por se acreditar que a interação entre eles pudesse gerar resultados mais representativos quanto à análise, em um mesmo inquérito, da atuação concomitante de várias dimensões como, por exemplo, o comportamento linguístico de falantes de sexo oposto (diagenérica/ diassexual) concordando ou divergindo sobre a escolha de variantes. As entrevistas, portanto, foram organizadas da seguinte maneira:

CaGI	01 rapaz e 01 moça, com escolarização superior e idade entre 18 e 36 anos.
CaGII	01 homem e 01 mulher, com escolarização e idade acima de 50 anos.
CbGI	01 rapaz e 01 moça, com escolarização até o ensino médio, preferencialmente sem ocupação letrada e com idade entre 18 e 36 anos.
CbGII	01 homem e 01 mulher, com escolarização até o ensino médio, preferencialmente sem ocupação letrada e com idade acima de 50 anos.

²⁰ Adotou-se na Tese as mesmas abreviaturas propostas no Atlas Linguístico Diatópico e Diastrático do Uruguai (ADDU) em que o grupo sociocultural analfabeto ou com escolaridade até o segundo ano de qualquer tipo de formação após a primária é categorizado como “classe baixa” (Cb) e o que tem acima disso, como “classe alta” (Ca). Quanto à dimensão diageracional, os mais jovens (18 a 36 anos) são representados como “geração I” (GI) e os idosos como “geração II” (GII) (THUN, 1996, p.212).

No ADDU, os símbolos se inscrevem numa cruz (THUN, 1996, p: 216):

Ca GII	Ca GI
Cb GII	Cb GII

Conforme o que predominava na localidade, aplicou-se os inquéritos tanto para grupos teuto-gaúchos (G-Ale) quanto para ítalo-gaúchos (G-Ita), falantes das respectivas línguas de migração: o hunsriqueano e o vêneto rio-grandenses.

Há ainda outras três dimensões relacionadas à questão contatual e relacional, que serão comentadas no próximo tópico. A saber: a diarreferencial, a dialingual (contatual interlingüística e/ou intervarietal) e a diafásica.

2.3. As variedades linguísticas em contato

Contextos como o do Norte de Mato Grosso, marcados pela heterogeneidade sociocultural e pela diversidade linguística, promovem o contato de variedades linguísticas, que, a princípio, são manifestações individuais, mas com o tempo passam a ser “avaliadas”, absorvidas ou rejeitadas pela comunidade de fala²¹ de uma localidade. Como a “identidade linguística” de um grupo, que compartilha um espaço caracterizado pela ocupação recente, é delineada? Que fatores interferem nesse processo de construção? Não se trata apenas de documentar a coexistência de variedades, mas perceber a influência que uma exerce sobre a outra, uma vez que a língua

[...] funciona (se realiza) sólo a través de sus ‘variedades’: de los sistemas autossuficientes que abarque. Así, nadie habla ‘el español’ (todo el español, o sea, al mismo tiempo, castellano, asturiano-leonés, navarro-aragonés, etcétera); lo que se habla es siempre alguna forma determinada del español (COSERIU, 1982, p.16).

Há três dimensões que podem auxiliar na tarefa de registrar como as variedades linguísticas (“modos de falar” uma língua) disputam espaço, a partir do ponto de vista dos falantes. São a diarreferencial, a dialingual e a diafásica. Na primeira, o informante pondera sobre a linguagem perceptível na comunidade que pertence. Por meio de comentários metalingüísticos, por exemplo, posiciona-se neutra, positiva ou negativamente com relação às variantes usadas “pelo outro”, ou seja, emite um juízo de

²¹ A ideia de comunidade de fala está intimamente ligada à de territorialidade que, de acordo com Altenhofen (2013), equivale ao espaço real em que uma determinada variedade é eleita e usada/adotada por um grupo de falantes determinados.

valor. Com esse critério, pretende-se observar em que medida as diferenças, sobretudo, entre escolaridade e gênero dos informantes contribuem para a estigmatização ou prestígio do uso de determinadas variedades linguísticas.

As informações sobre os pontos de sondagem agregadas ao perfil de informantes selecionado sugeriram duas possibilidades de análise: a) contatos interlíngüísticos, ou seja, entre bilíngues (migrantes descendentes de alemães e italianos que alternam entre a língua “dos pais, dos avós” e o português para se comunicarem) e monolíngues em língua portuguesa, e b) entre falantes apenas de português, embora tenham ascendência europeia (contato língüístico entre variedades da mesma língua). Será que os comportamentos língüísticos desses grupos se diferenciam? Qual goza de mais “status” e por quê?

Há ainda outra perspectiva de apreciação dos dados: a diafásica. Sabendo que cada falante alterna o uso de variedades língüísticas de acordo com o grau de formalidade de uma situação e da relação que mantém com o destinatário, neste trabalho de pesquisa, o estilo será monitorado a partir das respostas ao questionário (método controlado) e das conversas livres surgidas no decorrer da entrevista.

Em suma, quanto às variedades língüísticas em contato, tem-se:

DIMENSÕES PESQUISADAS POR MEIO DO PROCEDIMENTO DE COLETA DE DADOS	
Dimensão	Parâmetro
Diarreferencial	Fala “objetiva”
	Fala metalingüística
Dialingual	Interlíngüístico
	Intervarietal
Diafásica	Respostas ao questionário
	Conversas livres

Uma vez determinadas as dimensões e parâmetros que delinearam a pesquisa de doutoramento, considerou-se a descrição da língua portuguesa, principalmente a partir dos dados do ALERS e se passou a elaboração de um Questionário Linguístico que contemplasse a investigação sobre a manutenção de traços característicos da variedade sulista em contextos de uso “fora” dessa região.

2.4. A elaboração do questionário linguístico

Em uma pesquisa geolinguística é preciso que haja um instrumento de coleta de dados afinado com os objetivos de estudo a fim de garantir a sistematização e

comparabilidade dos fenômenos linguísticos inventariados. Altenhofen (2004, p.140) elenca alguns princípios que orientam a elaboração do questionário, a saber:

a) que abarque a multiplicidade de aspectos envolvidos no contato linguístico (escolha de tipos de variáveis diferentes), b) que possua a amplitude possível e necessária para não sobrecarregar nem comprometer os levantamentos dos dados, c) que englobe as questões mais relevantes, sobretudo aquelas com significado coletivo, sem, no entanto, comprometer a abrangência e representatividade do corpus, d) que incorpore a preocupação interdisciplinar, na interface com os estudos de áreas afins como a História, a Antropologia, a Sociologia, dentre outras, e) que seja adequado metodologicamente, utilizando as técnicas apropriadas para a obtenção dos dados, f) que permita em número significativo de comparações com os dados e os resultados de outros estudos.

Considerando os itens mencionados, o questionário da pesquisa foi organizado da seguinte maneira:

QUESTIONÁRIO DA PESQUISA	
PARTE A	AI – Identificação dos informantes (13 questões)
	AII – Hábitos culturais dos informantes (07 questões)
PARTE B	BI – Informações sobre a localidade da pesquisa (07 questões)
	BII – Dados de observação de campo (07 questões)
PARTE C	CI – Questionário Fonético-fonológico - QFF (47 questões)
	CII – Questionário Semântico-lexical - QSL (47 questões)
	CIII – Questionário Morfossintático - QMS (06 questões)

O questionário foi elaborado a partir de outros dois aplicados em pesquisas geolinguísticas na região Sul do Brasil: o do ALERS e o do ALiB (Atlas Linguístico do Brasil), além de algumas perguntas formuladas com o Orientador. Houve a menção, em cada questão, daquela referente aos questionários dos Projetos citados, além da carta do ALERS correspondente à variável investigada. Veja a sétima pergunta do QFF:

7	ÁRVORE (ALiB QFF 039; ALERS QSL 109; cartas 054 e 055) O que é que dá sombra nas ruas, no campo / para o gado nos pastos?
---	---

A primeira parte do questionário (AI) abrangeu perguntas desde a origem dos informantes, o tempo de permanência no território norte-mato-grossense, o percurso migratório, o vínculo mantido com parentes e amigos no Sul às questões referentes à língua como: se o informante fala outra língua, se seus familiares falam e se o aprendizado das línguas foi por meio de transmissão diageracional. Já em (AII), hábitos culturais comumente compartilhados entre os gaúchos foram retomados a fim de se

averiguar se a distância e a saudade do Rio Grande do Sul interferiram ou não na manutenção e/ou incorporação de costumes à rotina no Mato Grosso (Ex: tomar chimarrão, ouvir música gauchesca, participar do CTG - Centro de Tradições Gaúchas).

Na Parte B, foram levantadas informações relacionadas à Toponímia, à origem e história da localidade, à população (etnias, presença de migrantes advindos de lugares diferentes/ proporção...), à mídia, dentre outros aspectos, para se compreender a dinâmica social e a atuação dos informantes no espaço norte-mato-grossense.

Já na terceira parte do questionário, dedicado especificamente à descrição da variedade do português falada pelo grupo investigado, os resultados de pesquisas sobre o português falado na região Sul do Brasil auxiliaram na definição de fenômenos que deveriam ser averiguados. As variáveis fonético-fonológicas selecionadas foram:

VARIÁVEL	EXEMPLO
Palatalização das dentais	9- DIA (ALiB – QFF 56; ALERS QFF 22; carta 030) A gente dorme de noite e trabalha... (Alternativa: E depois da noite o que é que vem?)
	42 - TIO (ALiB QFF 131; ALERS QFF 03; cartas 28 e 27) O que é que o irmão do seu pai ou da sua mãe é seu?
Ditongação diante de sibilante	11 - TRÉS (ALiB QFF 063; ALERS QMS 6.3; carta 03) O que é que vem depois do dois?
Vocalização da lateral em coda silábica	5 - SAL (ALiB QFF 028) O que é preciso colocar na carne para temperar?
Rotacismo	12 - BICICLETA (ALiB QFF 071) Aquilo que tem duas rodas grandes que se senta e sai pedalando?
Vibrante em sub-variáveis (tepe, retroflexo, fricativa...)	2 - VARRER (ALiB QFF 018) Para limpar o chão, o que é que é preciso fazer (mímica)?
Ieismo	4 - COLHER – subst. (ALiB QFF 025) A carne se come com garfo e faca. E a sopa, com que se toma? [O que é que se usa para tomar sopa?]
Harmonização vocálica	14 - COMPADRE (ALERS QFF 005; carta 19) Se a mulher é comadre, o homem é...
Ditongação nasal –ão	36 - CALÇÃO (ALiB QFF 98; ALERS QFF 15; cartas 37 e 21) Os jogadores de futebol aqui (<i>apontar</i>) usam camiseta. E aqui (<i>apontar</i>) o que é que usam?
Palatalização da sibilante	22 - QUASE E se a água começa a chiar, ela está fervendo?

Para o Questionário Semântico-lexical selecionou-se temas diversos que apresentassem variáveis “tipicamente sulistas”, como, por exemplo, em *corvo* para nomear a ave preta que come animal morto, podre (QSL/09), ou ainda em *aspas* ou

guampa para se referir àquilo que o boi tem na cabeça (QSL/11) e em *garrão* para calcanhar (QSL/16), a fim de se verificar, sobretudo, a manutenção ou não dessas variáveis na região norte-mato-grossense.

Já as variáveis morfossintáticas foram:

VARIÁVEL	EXEMPLO
Casos de uso pronominal	3- TU / VOCÊ (tratamento entre irmãos) (ALiB QMS 24) Quando se vê um irmão(s) saindo escondido dos pais, como é que se pergunta onde ele(a) vai? a) tu; b) você [quem fala assim?]; c) cê; d) vosmice [os antigos]
Negação	5 – O Senhor/a senhora sabe ordenhar vaca? Sabe bordar? Sabe falar guarani? a) não sei! b) sei não! c) não sei não!
Interjeição	6- Se alguém se impressiona com algo, como exclama (por exemplo: ...que bagunça!)? Quem fala assim? (tem uma expressão característica do alemão, do italiano?...) a) bah! b) Viche! c) Dio! d) Uai! e) A la pucha! f) ...

Optou-se pela pluralidade de informantes e pela técnica de três tempos, que inclui a sugerência. Ao se executar as entrevistas com informantes do mesmo perfil de escolaridade e de idade, registra-se o conjunto de variantes bem como a relação dessas na fala dos informantes. Em outras palavras, capta-se o contínuo variacional no qual se “move” o falante e se reflete a situação real da comunidade. Com isso, tem-se uma visão mais integral da variação linguística. Há, além disso, um ganho representativo dos dados, visto que não se restringe apenas a parte do repertório linguístico do falante, mas sim abarca outros níveis como o conhecimento passivo e as variantes em processo de “arcaização” (“meu pai dizia assim...mas hoje já não se usa mais”) ou de permanência.

A técnica de três tempos, por sua vez, permite registrar processos de convergência e divergência ou mesmo de processos de hibridização (ex: Bah, oxente!), de covariação (ex: o mesmo falante usa “tu” e “você”) e mudança linguística (ex: troca do “tu” por “você”). Foi aplicada nas partes CII e CIII do questionário da Tese. Funciona da seguinte maneira:

TÉCNICA DE TRÊS TEMPOS
1º passo – PERGUNTAR (pergunta prevista no questionário);
2º passo – INSISTIR (Perguntar se o informante conhece outras variantes e se as usa, em que contexto?)
3º passo – SUGERIR: Conheces a variante x? (sobretudo aquelas sugeridas no questionário, que tiveram como referência as respostas catalogadas no ALERS – Atlas Linguístico-

Etnográfico da Região Sul do Brasil).

Veja um exemplo extraído do QSL da Tese:

1º - PERGUNTAR 2º - INSISTIR	02	TANGERINA/ MEXERICA (ALiB QSL 39; ALERS QSL 126; carta 62) ... as frutas menores que a laranja, que se descascam com a mão, e, normalmente, deixam um cheiro na mão? Como elas são? <i>Pedir para descrever, para apurar as diferenças entre as designações citadas pelo informante.</i>
3º - SUGERIR		a) vergamota, b) bergamota, c) mexerica, d) tangerina, e) mimosa, f) poncã

Também foram inclusas perguntas que retomassem os empréstimos linguísticos:

41	WANDSCHONER [para informantes teuto-gaúchos] Conhece “Wandschoner”? (tipo de toalha de pano com ditado bordado geralmente em alemão, para proteger a parede da fuligem, da gordura)
42	CUCA ... espécie de pão, coberto com uma espécie de farofa feita com açúcar, margarina, canela em pó e farinha de trigo, que tem pedaços de fruta ou doce de leite?

Ou ainda, algumas que trouxessem à tona, por exemplo, a dimensão diarreferencial a partir de “provocações” como as destacadas abaixo:

19	GAÚCHO ... a pessoa que vem do Rio Grande do Sul? a) gaúcho, b) sulista, c) <u>gaúcho cansado</u>
21	ITALIANO/ OUTRAS DESIGNAÇÕES Há outros nomes para designar o <i>italiano</i> ? a) gringo, b) <u>“gringo polenteiro”</u>
22	ALEMÃO/ OUTRAS DESIGNAÇÕES ... e a alemão? E se for mulher? a) <u>alemão-batata</u> , b) alemão

Uma vez descrito o comportamento linguístico dos migrantes gaúchos em três municípios do Norte de Mato Grosso, passa-se à identificação dos condicionadores responsáveis pela manutenção, variação ou mudança do português falado por esse grupo em contato com outras variedades regionais.

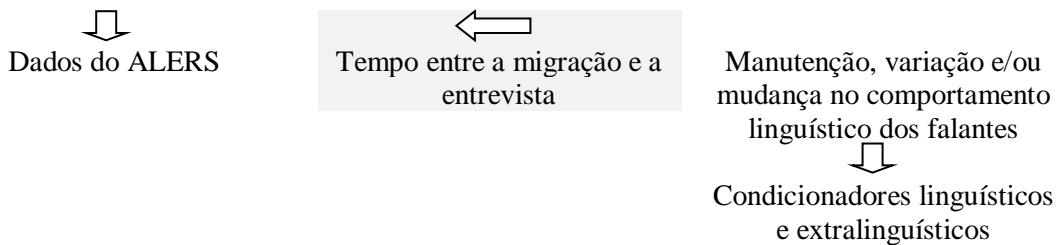
A análise dos dados considerará basicamente:

Como era na matriz de
partida?

Contatos

Como é no ponto de chegada?





Diante do exposto, a pesquisa de Tese *A topodinâmica da variação do português gaúcho em áreas de contato intervarietal em Mato Grosso* pretende descrever o comportamento linguístico de migrantes gaúchos em contato com outras variedades regionais do português, em áreas novas do Norte do Mato Grosso, no que se refere a: a) manutenção de marcas linguísticas da variedade original do português rio-grandense; b) mudanças linguísticas da variedade original do português rio-grandense motivadas pelo contato com demais variedades regionais presentes na área em estudo, e c) variações do português rio-grandense dos falantes migrantes gaúchos, considerando diferentes dimensões de análise (princípio da pluridimensionalidade), além de identificar os condicionadores sociais que atuam na manutenção, variação e mudança do português falado por migrantes gaúchos em contato com demais variedades regionais, em áreas do centro-norte do Mato Grosso, considerando as diferentes dimensões de análise.

Referências bibliográficas

ALERS – ATLAS LINGUÍSTICO-ETNOGRÁFICO DA REGIÃO SUL DO BRASIL. KOCH, Walter; ALTENHOFEN, Cléo Vilson & KLASSMANN, Mário Silfredo (orgs). *Atlas Linguístico-etnográfico da Região Sul do Brasil – ALERS*: cartas fonéticas e morfossintáticas. 2^a ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS; Florianópolis: Ed. UFSC, 2011a.

ALERS – ATLAS LINGUÍSTICO-ETNOGRÁFICO DA REGIÃO SUL DO BRASIL. ALTENHOFEN, Cléo Vilson & KLASSMANN, Mário Silfredo (orgs). *Atlas Linguístico-etnográfico da Região Sul do Brasil – ALERS*: cartas semântico-lexicais. Porto Alegre: Editora da UFRGS; Florianópolis: Ed. UFSC, 2011b.

ALTENHOFEN, Cléo Vilson. A constituição do corpus para um “Atlas Lingüístico-Contatual das Minorias Alemãs na Bacia do Prata”. In. *Martius-Staden-Jahrbuch*, São Paulo, n. 51, 2004, p. 135-165.

_____. Áreas linguísticas do português falado no Sul do Brasil: um balanço das fotografias geolinguísticas do ALERS. In: AGUILERA, Vanderci de Andrade. A

Geolinguística no Brasil: trilhas seguidas, caminhos a percorrer. Londrina: EDUEL, 2005, p.177-208.

_____. Interfaces entre Dialetologia e História. In. MOTA, Jacyra Andrade & CARDOSO, Suzana Alice (orgs.). *Documentos 2- Projeto Atlas Linguístico do Brasil.* Salvador: Quarteto, 2006, p. 159- 183.

_____. *Os contatos lingüísticos e seu papel na arealização do português falado no sul do Brasil.* In: ELIZAINCÍN, Adolfo & ESPIGA, Jorge (orgs.). *Español y portugués: fronteiras e contatos.* Pelotas: UCPEL, 2008. p. 129-164.

_____. *O “território de uma língua”: ocupação do espaço pluridimensional por variedades em contato na Bacia do Prata.* In: Seminário Internacional Línguas em Contato. Pelotas: Ed. UFPel, 2013. [No Prelo].

ARRUDA, Zuleika Alves. *Sinop: território(s) de múltiplas e incompletas reflexões.* Dissertação de Mestrado. Recife: UFP, 1997.

BERN, David Britain. Conceptualizations of geographic space in linguistics. In. LAMELI, Alfred; KEHREIN, Roland & RABANUS, Stefan. *Language and Space: language mapping: an international handbook of linguistic variation.* Berlin/New York: Walter de Gruyter GmbH & Co.KG, 2010, p.69-97.

BRASIL. Lei 1.806, de 06 de janeiro de 1953. *Diário Oficial da União*, Rio de Janeiro (RJ), 07 de jan. 1953. Seção 1, p. 276.

BRASIL. Decreto-lei nº 1.110, de 09 de julho de 1970. *Diário Oficial da União*, Brasília, 10 de jul. 1970.

COLONIZADORA FELIZ. Colonizadora Feliz Ltda. Disponível em: <<http://www.colonizadorafeliz.com.br>> Acesso em 10 de ago. 2013.

CONOMALI. Colonizadora Noroeste Matogrossense S/A. Fundação de Porto dos Gaúchos. Disponível em: <<http://www.conomali.com.br>> Acesso em 07 de ago. 2013.

COSERIU, Eugênio. Sentido y tareas de la Diactología. Asociación de Linguística y Filología de la América Latina. Cuadernos de Linguística 08. Instituto de Investigaciones Filológicas. Centro de Linguística Hispánica, México, 1982.

DIAS, Elisia Aparecida & BORTONCELLO, Odila. *Resgate histórico do município de Sorriso: portal da agricultura no cerrado mato-grossense.* Cuiabá, 2003.

RADTKE, Edgar & THUN, Harald. Nuevos caminos de la geolinguística românica. Un balance. In: RADTKE, Edgar & THUN, Harald (eds.). *Neue Wege der romanischen Geolinguistik: Akten des Symposiums zur empirischen Dialektologie.* Kiel : Westensee-Verl., 1996. p. 25-49.

SCHAEFER, José Renato. *As migrações rurais e implicações pastorais: um estudo das migrações campo-campo do sul do país em direção ao norte do Mato Grosso.* São Paulo: Edições Loyola, 1985.

SCHLESINGER, Sérgio. & NORONHA, Silvia. *O Brasil está nu! O avanço da monocultura da soja, o grão que cresceu demais*. Rio de Janeiro: Fase, 2006. Disponível em: < <http://issuu.com/ongfase/docs/ograoquecresceudemais> > Acesso em 30 de ago. 2013.

SOUZA, Edison Antônio. *Sinop: história, imagens e relatos – um estudo sobre a sua colonização*. Cuiabá: Instituto de Ciências Humanas e Sociais, 2004.

_____. A migração sulista para o norte do Mato Grosso. In. TEDESCO, João Carlos & CARINI, Joel João. *Conflitos agrários no norte gaúcho – 1980 - 2008*. Porto Alegre: Edições Est, 2008.

THUN, Harald. *Movilidad demográfica y dimensión topodinámica. Los montevideanos en Rivera*. In: RADTKE, Edgar & THUN, Harald [orgs.]. *Neue Wege der romanischen Geolinguistik: Akten des Symposiums zur empirischen Dialektologie*. Kiel : Westensee-Verl., 1996. p. 210-269.

_____. *La geolinguística como lingüística variacional general (com ejemplos del Atlas lingüístico Diatópico y Diastrático del Uruguay)*. In: INTERNATIONAL CONGRESS OF ROMANCE LINGUISTICS AND PHILOLOGY (21. : 1995 : Palermo). *Atti del XXI Congresso Internazionale di Linguistica e Filologia Romanza*. Org. Giovanni Ruffino. Tübingen : Niemeyer, 1998. v. 5, p. 701-729, incluindo resumo dos tópicos principais da seção 5, p. 787-789.

_____. O tratamento do material etnográfico no Atlas Linguístico Diatópico y Diastrático del Uruguay (ADDU). In. FUNK, Gabriela (org.). *Actas do Encontro sobre cultura popular*. Ponta Delgada: Universidade dos Açores, 1999, p.481-499.

_____. *Pluridimensional cartography*. In: LAMELI, A.; KEHREIN, R. & RABANUS, C. (eds.). *Language mapping*. Berlin: de Gruyter Mouton, 2010. p. 506-523.

ZÁGARI. Mário Roberto L. Os falares mineiros: esboço de um atlas linguístico de Minas Gerais. In: AGUILERA, V. de A. (org.) *A geolinguística no Brasil: caminhos e perspectivas*. Londrina: Editora da UEL, 1998, p. 31-77.